


Pela garganta: o cinema de Chikako Yamashiro como resistência da memória histórica

Claudia Midori Ideguchi¹

 0009-0002-1777-0936

Como citar:

In: ENCONTRO DE HISTÓRIA DA ARTE, 18, 2024. **Atas do XVIII Encontro de História da Arte.** Campinas: IFCH/UNICAMP, n. 18, 2024.

DOI: 10.20396/eha.18.2024.12072

Resumo

A Segunda Guerra Mundial é frequentemente estudada sob perspectivas eurocêntricas, negligenciando a Guerra do Pacífico e seus impactos, como a Batalha de Okinawa (1945), onde civis *okinawanos* foram as principais vítimas. Este artigo analisa a representação desse trauma no curta *Anata no koe wa watashi no nodo o totta* (2009), de Chikako Yamashiro, explorando como a arte confronta narrativas hegemônicas. A pesquisa examina as relações entre ficção e história, questionando como o cinema ressignifica eventos traumáticos e quais estratégias estéticas são mobilizadas para representar memórias silenciadas.

Palavras-chave: Batalha de Okinawa. Cinema e memória. Narrativa histórica. Chikako Yamashiro. Trauma e representação.

¹ Mestra em Língua, Literatura e Cultura Japonesa pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Introdução

Falar sobre a Segunda Guerra Mundial é falar sobre uma miríade de recortes e narrativas comumente impostas pelos estudos centrados na Europa e nos Estados Unidos; no Brasil, estuda-se os acontecimentos e desdobramentos do conflito em campo Europeu, mas não há aprofundamento nas complexas questões que envolveram a Guerra do Pacífico no mesmo período, excetuando-se rápida passagem pelo encerramento da guerra, que se dá com as bombas atômicas nas cidades de Hiroshima e Nagasaki. O conhecimento, que falha em ser adquirido através de fontes oficiais primárias, acaba chegando por outras vias, como a literatura, o teatro e o cinema. A narrativa artística não tem qualquer obrigação com a narrativa histórica e, portanto, deve ser compreendida como ficção; no entanto, se não há repertório claro acerca dos acontecimentos narrados nessas obras, como é possível traçar a linha entre o imaginário e o real? Entre o fato e a interpretação? Mais do que isso, o cinema, assim como todas as mídias produzidas dentro da indústria cultural tem o poder de influenciar a opinião pública, traçando exposições que distraem o espectador da sua real proposta interpretativa.

Isto posto, dentro desta pesquisa propomos um estudo de caso com análise fílmica, utilizando um único evento histórico - A Batalha de Okinawa - e sua representação no curta-metragem *Anata no koe wa watashi no nodo o totta*² (sua voz passou pela minha garganta, tradução nossa) da diretora Okinawana Chikako Yamashiro. A saber, a Batalha de Okinawa aconteceu em 1945 e perdurou por três meses no território de Okinawa. No começo, os embates, ainda que extremamente violentos entre aliados e japoneses, comumente ocorriam em ilhas desabitadas do arquipélago, fazendo com que as baixas fossem quase que exclusivamente de militares, de ambos os lados. No entanto, com uma guerra vencida, o exército norte-americano empreendeu uma tentativa de invasão do território japonês, utilizando as ilhas ao sul como ponto de entrada.

Ilhas essas que até 1879 eram chamadas de Reino de Ryukyu, com idioma, costumes e leis próprias; invadidas e ocupadas pelo Japão Imperial desde o século XVII, o povo indígena foi colonizado e a região passava então a se chamar "Okinawa".³ Em 1945, sem qualquer plano efetivo de evacuação da população civil enquanto os norte-americanos avançavam pelas ilhas Kerama. Segundo George H. Kerr, "o exército não tinha efetivo para lutar, embora tenha sido descoberto que o local era a base para 360 "navios suicidas", preparados para um ataque surpresa aos navios aliados nas águas de Okinawa".⁴ Ou

² ANATA no koe wa watashi no nodo o totta. Direção: Chikako Yamashiro. Japão, 2009. 1 DVD. (7 MIN), NTSC, color. Título original: あなたの声は私の喉を通った.

³ KERR, George H. *Okinawa: The history of an island people*. Rutland: Tuttle Publishing, 1958, p. 381.

⁴ *Ibidem*, p.475.

seja, desde o início do ataque, não havia qualquer estratégia de preservação da vida dos civis e sim o intuito de utilizá-los em manobras militares.

A batalha que começou no dia 01 de abril e terminou no dia 23 de junho, contou com atrocidades de ambos os lados, tendo como vítima principal, a população Okinawana. As baixas estimadas são cerca de 150 mil okinawanos, 77 mil japoneses e 14 mil norte-americanos⁵. Com cerca de ¼ a ⅓ da população civil dizimada (os números não são claros pois centenas de corpos jamais foram encontrados), o arquipélago de Okinawa viu seu território e seus habitantes sucumbirem por diversas razões.

Consideramos ser uma perspectiva importante dentro dos estudos do cinema e em especial, das artes visuais japonesas, para ampliar a percepção de um fato histórico brutal ainda bastante desconhecido da população brasileira em geral e também aumentar a percepção acerca da multiplicidade de narrativas às quais estamos constantemente expostos.

Sua voz passou pela minha garganta

O rosto de uma mulher Okinawana ocupa boa parte da tela e nele é projetada a imagem de um idoso. Ela abre a boca e dubla a voz do idoso, que rememora os momentos que vivenciou durante a Batalha de Okinawa. Em algumas ocasiões, ela não suporta reproduzir o relato e chora. Tudo é cru e direto.

A mulher é a artista, cineasta e performer Chikako Yamashiro, nascida em Okinawa e referência em trabalhos artísticos sobre o local. Keiko Okamura fala sobre a artista e seus projetos audiovisuais:

Por meio do poder da expressão corporal ambígua, ela usa de tempos em tempos vídeo e som que apelam aos cinco sentidos e à ficção. Suas obras mantêm um grau de abstração além do âmbito das referências diretas a fenômenos ou assuntos específicos, tornando-as abertas a várias interpretações.⁶

Em *Anata no koe wa watashi no nodo o totta?*⁷ (sua voz passou pela minha garganta, tradução nossa), curta-metragem de 7 minutos e 22 segundos, ela dá protagonismo à história dos civis de Okinawa mostrando em frases simples as atrocidades sofridas pela população, desde a escassez de comida e água, passando por sequestros, violência e suicídios em massa; infortúnios trazidos tanto pelo exército japonês quanto pelo exército norte-americano. Em paralelo à exposição de seu rosto recitando o texto, Yamashiro

⁵ NAKAMURA, Jessica. Choreographies of Militarized Space: US Military Bases, Everyday Life, and Performance in Okinawa, Japan. In: BRADY, Sara; MANTOAN, Lindsey. **Performance in a Militarized Culture**. Londres: Taylor and Francis, 2018. p. 125.

⁶ OKAMURA, Keiko. **Yamashiro Chikako**: Reframing the land/mind/body-scape. Tóquio: Suiseisha, 2021, p. 83.

⁷ **ANATA** no koe wa watashi no nodo o totta. Direção: Chikako Yamashiro. Japão, 2009. 1 DVD. (7 MIN), NTSC, color. Título original: **あなたの声は私の喉を通った**.

acrescenta imagens de arquivos, corredores com estantes de ferro, que abrigam documentos de não se sabe o que. Memória e arquivo se misturam às lembranças pessoais e história oral. A narração preenche os silêncios causados por passado pouco conversado. Yamashiro chora sem alardes, com lágrimas contidas escorrendo pelo rosto enquanto repete a fala de quem ainda lembra:

Corremos tentando escapar na floresta,
Depois nos reunimos na ponta da ilha.
Então as pessoas pularam dos penhascos para o oceano,
... e se mataram.
Pularam do penhasco e morreram.⁸

Keiko Okamura escreveu sobre o processo de criação do curta⁹, que teve, em primeiro momento, uma série de entrevistas com sobreviventes; o relato lido por ela no vídeo e transcrito acima, apareceu de surpresa. Enquanto gravava o depoimento, um homem revelou que presenciou todos os membros de sua família se suicidarem, pulando um a um de um precipício. Yamashiro ficou sem palavras, não conseguindo compreender com exatidão a profundidade daquele trauma. Acabou guardando a gravação, sem coragem de trabalhar com as informações coletadas. Após um ano, resolveu ouvir novamente o idoso e gravou a si mesma, sincronizando as palavras dele com sua boca. Para Okamura, Yamashiro contou que, olhando para trás, “era como se ela não estivesse experienciando a dor do outro, mas que sentiu como se estivesse experienciando a própria dor”.¹⁰ Okamura completa:

Quando o momento no qual aqueles que experienciaram a Batalha de Okinawa desaparecerem completamente da Terra se aproximar, como podemos fazer com que as inúmeras vozes que perderam os corpos com os quais transmitir essas histórias possam falar? *Anata no koe wa watashi no nodo o totta* revelou de forma gráfica a impossibilidade de herdar as experiências dos outros.¹¹

O relato, forte, fala por si só como boa parte dos trabalhos de Yamashiro, que algumas vezes é criticada por não ser mais explícita em relação às questões políticas que envolvem a região de Okinawa. O curador de arte Fumihiko Sumitomo¹² compara sua obra cinematográfica à poesia e não à prosa, dizendo que a subjetividade de seus curtas a ajudam a penetrar mais facilmente na sociedade, ao mesmo tempo que a falta de contexto pode fazer com que os espectadores ignorem a urgência dos temas

⁸ Ibidem, 1 min 41 s, tradução nossa.

⁹ OKAMURA, Keiko. **Yamashiro Chikako**: Reframing the land/mind/body-scape. Tóquio: Suiseisha, 2021, p. 93.

¹⁰ Ibidem, p.93.

¹¹ OKAMURA, Keiko. **Yamashiro Chikako**: Reframing the land/mind/body-scape. Tóquio: Suiseisha, 2021, p. 94.

¹² SUMITOMO, Fumihiko. **Of the Other Places**: The Video Works of Chikako Yamashiro. White Fungus. [20-]. Disponível em: <https://www.whitefungus.com/chikako-yamashiro-other-places> Acesso em 25 nov. 2023.

apresentados. “Ainda assim, a experiência de ter visto a obra deve estimular o público a olhar melhor para problemas estruturados de forma semelhante em outras partes do mundo”¹³, completa Sumitomo.

Entendemos que a narrativa crua de Yamashiro faz com que sua obra tenha preservado os elementos históricos que a cerca, com influência artística e de conceito, mas com poucas camadas de interpretações novas ao fato. A falta de relações entre a narração documental com a contemporaneidade acaba por exigir repertório extra de seus espectadores, na tentativa de alcançar camadas mais profundas de sua obra. Ainda assim, dar voz aos sobreviventes da Batalha de Okinawa é, por si só, valoroso dentro da preservação da memória. Como Walter Benjamin explica:

A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos¹⁴

Então, ainda que haja espaço para refinamento dentro da obra, há também uma poderosa referência para as próximas gerações. Pois, sem dúvidas, a população civil de Okinawa foi a mais afetada durante a Batalha de Okinawa; a sociedade se viu arrastada para o conflito que dizimou pelo menos ¼ de seus residentes e trouxe uma série de consequências sociais e econômicas que perduram até hoje. Com a destruição de casas e o desmoronamento das estruturas básicas, os civis viviam em condições precárias durante o período, com escassez de comida e recursos mínimos. Pegos no fogo cruzado entre japoneses e estadunidenses, os moradores eram constantemente apavorados pela ideia de serem capturados pelo exército dos Estados Unidos e também compulsoriamente forçados a se alistar no exército japonês. Os horrores vividos no período, assim como o trauma pela participação forçada em suicídios coletivos com fins de defesa, levaram toda a comunidade a carregar uma cicatriz emocional que atravessa gerações.

O curta de Yamashiro é a materialização de vozes poucas vezes representadas e constantemente abafadas na tentativa de engrandecer indivíduos e histórias particulares. Habitualmente relegada a um papel coadjuvante nesses roteiros, a tragédia do povo Okinawano, mesmo que por poucos minutos, torna-se protagonista. Seu trabalho pode ser lido pela lente da história oral como uma ferramenta, como Paul Connerton explicita:

Há algum tempo, uma geração de historiadores, majoritariamente socialistas, vê na prática da história oral a possibilidade de resgatar do silêncio a história e a cultura de grupos subordinados. As histórias orais buscam dar voz ao que, de outra forma,

¹³ Ibidem, 20-.

¹⁴ BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas Volume I**. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987, p.198.

permaneceria sem voz, mesmo que não deixasse vestígios, reconstituindo as histórias de vida dos indivíduos.¹⁵

Em outras palavras, Yamashiro exemplifica de forma bem didática como a memória individual transmitida de forma oral pode se tornar um caminho fortuito para a análise histórica e perpetuação do ponto de vista dos grupos subordinados à classe dominante.

Considerações finais

A Batalha de Okinawa é uma lembrança sombria das terríveis consequências da guerra. Ao analisar as atrocidades perpetradas pelo exército norte-americano e japonês em relação ao povo indígena Okinawano, torna-se evidente que a violência e a crueldade não conhecem fronteiras. A Batalha de Okinawa não só resultou em uma devastação física e emocional profunda para a população local, como também destaca a necessidade de preservação da memória histórica.

Anata no koe wa watashi no nodo o totta traz uma narrativa completamente direta, sem intervenções explícitas da visão da diretora Chikako Yamashiro acerca do tema; seu curta deixa a memória falar por si só e essa escolha traz desenrolamentos positivos e negativos em seus espectadores.

Lembramos também, que ainda hoje, o Irei no Hi, é comemorado somente na província de Okinawa, sendo apenas um feriado local e não nacional. A acadêmica Miyume Tanji levanta questões acerca do quão instável é a percepção do que aconteceu no período, indicando que essa vaga percepção de busca da paz ignora sumariamente perguntas latentes como “quem foi o responsável por essas mortes?”, “quem foi morto primeiro?”, “o que levou o Japão à guerra?”, “por que Okinawa se tornou um campo de batalha primeiro?” e mais urgentemente, “qual a possibilidade dos Okinawanos serem envolvidos em uma nova guerra, devido às dezenas de bases militares estadunidenses em seu território?”¹⁶

Pensar a respeito deste período e buscar diferentes narrativas e pontos de vista sobre seu desenrolar é essencial para que gerações de pessoas possam compreender a própria história e ter autonomia para identificar quando suas memórias são reescritas ou utilizadas em prol da revisitação histórica e na minimização de responsabilidades. Para os demais, é sempre uma oportunidade para compreender como é possível trabalhar as diferentes perspectivas dentro da arte.

¹⁵ CONNERTON, Paul. *How Societies Remember*. Cambridge: Cambridge University Press (Virtual Publishing), 1989, p. 18.

¹⁶ TANJI, Miyume. *Myth, protest and struggle in Okinawa*. Abingdon: Routledge, 2007, p. 48.

Vale citar que durante a produção desta pesquisa houve, também, uma clara diferença de acesso aos filmes: enquanto produções Estadunidenses e Japonesas sobre o período tratado foram bastante simples de serem encontradas e assistidas, o mesmo não pode ser dito a respeito dos filmes produzidos por artistas Okinawanos; durante o estudo não foram encontradas boas referências em português ou indicativos relevantes em inglês. Em japonês, acabávamos em outro entrave: a impossibilidade de assistir aos filmes, sempre protegidos por questões de distribuição e com acesso disponibilizado apenas in loco.

Ainda assim, era extremamente importante que dentro desta análise, a narrativa de Okinawa tivesse espaço. Então o curta-metragem de Chikako Yamashiro foi escolhido; apesar de ter apenas sete minutos, acreditamos que sua inclusão nesta pesquisa mostra subjetiva e figurativamente a discrepância no controle narrativo que Okinawa tem. Essa falta de acesso, na qual abunda a visão dos Estados Unidos e Japão acerca deste período histórico e invisibiliza a própria produção dos locais, mostra como, até hoje, a voz da população Okinawana ainda está atrelada às narrativas contadas pelos outros. O acesso a esse material se deu em contato direto com a artista, sendo muito improvável encontrá-lo fora do Japão.

O questionamento que permanece e deve ser respondido ao longo dos anos é: a arte pode realmente ser um antídoto contra o apagamento?

Referências bibliográficas

ANATA no koe wa watashi no nodo o totta. Direção: Chikako Yamashiro. Japão, 2009. 1 DVD. (7 MIN), NTSC, color. Título original: *あなたの声は私の喉を通った*.

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas Volume I**. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CONNERTON, Paul. **How Societies Remember**. Cambridge: Cambridge University Press (Virtual Publishing), 1989.

GOTO-JONES, Christopher. Japão moderno. Tradução de Alexandre Boide. Porto Alegre: L&PM, 2019.

KERR, George H. **Okinawa**: The history of an island people. Rutland: Tuttle Publishing, 1958.

NAKAMURA, Jessica. Choreographies of Militarized Space: US Military Bases, Everyday Life, and Performance in Okinawa, Japan. In: BRADY, Sara; MANTOAN, Lindsey. **Performance in a Militarized Culture**. Londres: Taylor and Francis, 2018. p. 122-135

OKAMURA, Keiko. **Yamashiro Chikako**: Reframing the land/mind/body-scape. Tóquio: Suiseisha, 2021.

SUMITOMO, Fumihiko. **Of the Other Places**: The Video Works of Chikako Yamashiro. White Fungus. [20-]. Disponível em: <https://www.whitefungus.com/chikako-yamashiro-other-places> Acesso em 25 nov. 2023.

TANJI, Miyume. **Myth, protest and struggle in Okinawa**. Abingdon: Routledge, 2007.